

# O OMBUDSMAN NO JORNALISMO INDEPENDENTE: UM ESTUDO DO PERIÓDICO LITERÁRIO RELEVO

*THE OMBUDSMAN IN INDEPENDENT JOURNALISM: A STUDY OF THE LITERARY PERIODICAL RELEVO*

*EL OMBUDSMAN EN EL PERIODISMO INDEPENDIENTE: UN ESTUDIO DEL PERIÓDICO LITERARIO RELEVO*

Ricardo Meneghini Ramiro  
Alexsandro Teixeira Ribeiro<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar a atuação do ombudsman no jornalismo independente, onde a questão central do estudo é: considerada a característica de uma organização colaborativa, de que maneira essas tensões se materializam nos textos da coluna Ombudsman do jornal Relevo? Com base nos estudos de Braga (2006), a pesquisa contextualiza o campo de atuação da crítica na comunicação, que além da emissão e recepção de enunciados, está situada em um terceiro processo comunicacional denominado de crítico-interpretativo. A fim de identificar marcas de tensão entre redação e a direção do jornal Relevo, a metodologia adotada é a análise de conteúdo (Bardin, 1977). O corpus foi constituído de colunas assinadas por integrantes do conselho editorial e que anteriormente exerceram a função de ombudsman no veículo. O resultado do estudo indica múltiplas tensões originadas dentro do jornal Relevo. As tensões transitam nos núcleos do conselho editorial, do ombudsman e do editor do veículo. Face à natureza colaborativa, o estudo também identifica fluxos de tensões externas por parte de colaboradores voluntários e dos próprios leitores.

**Palavras-chave:** jornalismo independente; jornalismo cultural; crítica de imprensa; Ombudsman; Jornal Relevo.

## Abstract

This article aims to analyze the role of the ombudsman in independent journalism, where the central question of the study is: considering the characteristics of a collaborative organization, how do these tensions materialize in the texts of the Ombudsman column of the Relevo newspaper? Based on studies by Braga (2006), the research contextualizes the field of criticism in communication, which, in addition to the emission and reception of statements, is situated in a third communication process called critical-interpretive. To identify signs of tension between the editorial staff and management of the Relevo newspaper, the methodology adopted is content analysis (Bardin, 1977). The corpus was made up of columns written by members of the editorial board who previously held the role of ombudsman at the outlet. The result of the study indicates multiple tensions originating within the Relevo newspaper. Tensions exist within the editorial board, ombudsman and editor of the vehicle. Given the collaborative nature, the study also identifies flows of external tensions on the part of voluntary collaborators and the readers themselves.

**Keywords:** independent journalism; cultural journalism; press criticism; Ombudsman; Relevo Journal.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), é mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), na linha de pesquisa em processos jornalísticos, é bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Centro Universitário Uninter e Especialista em Docência em EaD pela Uninter e em Comunicação Empresarial e Institucional pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Educação e Letras (Facel). Atualmente é professor nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e em Marketing Digital do Centro Universitário Uninter, além de jornalista e integrante e sócio da agência Livre.jor, que é a primeira agência de acompanhamento sistemático de dados públicos relacionados ao Paraná ([www.livre.jor.br](http://www.livre.jor.br)). Realiza estágio de pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Informática (PPGInf) da UFPR, sob orientação do professor Dr. Marcos Sunye, com projeto vinculado ao Centro de Computação Científica e Software Livre (C3SL).

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar la actuación del ombudsman en el periodismo independiente, donde la cuestión central del estudio es: considerando la característica de una organización colaborativa, ¿de qué manera estas tensiones se materializan en los textos de la columna Ombudsman del periódico RelevoO? Basándose en los estudios de Braga (2006), la investigación contextualiza el campo de actuación de la crítica en la comunicación, que además de la emisión y recepción de enunciados, se sitúa en un tercer proceso comunicacional denominado crítico-interpretativo. Con el fin de identificar marcas de tensión entre la redacción y la dirección del periódico RelevoO, se adopta como metodología el análisis de contenido (Bardin, 1977). El corpus está constituido por columnas firmadas por integrantes del consejo editorial que anteriormente ejercieron la función de ombudsman en el medio. El resultado del estudio indica múltiples tensiones originadas dentro del periódico RelevoO. Las tensiones transitan entre los núcleos del consejo editorial, del ombudsman y del editor del medio. Dada la naturaleza colaborativa, el estudio también identifica flujos de tensiones externas por parte de colaboradores voluntarios y de los propios lectores.

**Palabras clave:** periodismo independiente; periodismo cultural; crítica de prensa; Ombudsman; Periódico RelevoO.

## 1 Introdução

A crítica de imprensa se constitui como uma ação que dialoga diretamente com os postulantes ao cargo de ombudsman<sup>2</sup>. Assim, Braga (2006) afirma que o ato da crítica deve atender ao menos dois critérios distintos: (i) exercer tensão sobre o desempenho acerca da operação que resulta em produto midiático; (ii) desenvolver trabalho analítico descritivo que amplie o discernimento em relação à aplicação dos processos de produção.

Com base nesses critérios, o ombudsman dispõe de elementos como correção, ética jornalística, transparência e independência, aspectos que dialogam constantemente com a função. Porém, exercê-los no sentido prático requer do profissional ombudsman inserir-se entre dois polos, direção e redação do veículo, núcleos que estão em rota de colisão com a postura crítica desse profissional.

Nesse sentido, este artigo parte de duas reflexões distintas: na primeira, Cheida (2018, p. 55) afirma que “[...] a área de atrito entre Redação e Direção da empresa jornalística é pouco investigada no campo acadêmico, mas muito discutida entre jornalistas e dirigentes empresariais”. A segunda, remete à necessária existência de dispositivos de interação com capacidade de colocar o jornalismo em posição de autorreflexão diante da chamada esfera pública midiática (Braga, 2006).

Face ao exposto, o jornal RelevoO foi escolhido como objeto de pesquisa por ser um veículo de imprensa colaborativo que conta com a função do ombudsman. Com jornalismo

---

<sup>2</sup> O ombudsman, que etimologicamente significa “representante”, foi criado na reforma constitucional da Suécia em 1809. Tratava-se de um funcionário designado pelo governo para ouvir queixas da população. Desde então a função se ramificou para outras áreas como a do jornalismo, dando origem ao ombudsman de imprensa.

cultural focado em literatura, o jornal RelevO é publicado desde setembro de 2010. É editado em Araucária, no estado do Paraná, pelos jornalistas Daniel Zanella e Mateus Ribeyre.

Considerando a afirmação de Cheida (2018), acerca da tensão entre a redação e a direção de veículos jornalísticos em experiências de organizações privadas, a questão norteadora deste artigo é: de que maneira essas tensões se materializam nos textos da coluna Ombudsman do jornal RelevO, considerada a característica de uma organização colaborativa em que os limites entre funções são tênues?

São consideradas três hipóteses: (i) a submissão da coluna a revisores para apontamentos ou correção de erros nos textos do ombudsman; (ii) sendo um espaço dedicado a novos autores, os critérios editoriais privilegiam determinados autores em detrimento de outros; (iii) conflito de interesses, uma vez que o veículo se mantém, além de assinantes e serviços especializados, com anúncios publicitários.

Como premissa metodológica, o estudo adota a análise de conteúdo, cujo corpus é construído a partir da coluna Ombudsman do jornal RelevO. Baseando-se no método de Laurence Bardin, foi realizada uma análise de conteúdo das críticas produzidas pelos escritores Morgana Rech, Whisner Fraga e o jornalista e escritor Osny Tavares. Para estabelecer o inquérito sociológico, foram selecionadas colunas publicadas de janeiro de 2014 a dezembro de 2023. Por pertencerem ao conselho editorial do jornal RelevO e terem exercido o cargo de ombudsman, a metodologia busca identificar marcas na crítica de imprensa que evidenciem os tensionamentos entre redação e direção do veículo.

Nos tópicos seguintes, o presente estudo discorre sobre a função da crítica de imprensa no processo de comunicação a partir dos estudos de Braga (2006). Em seguida essa crítica de imprensa é posta em perspectiva no tópico sobre jornalismo independente, situando a sua função no jornal RelevO. Os tópicos quatro e cinco apresentam, respectivamente, a aplicação metodológica de Bardin (1977) e a análise dos resultados.

## **2 A crítica como terceiro processo comunicacional**

A partir dos estudos de Braga (2006), este tópico apresenta uma breve abordagem sobre a crítica de imprensa, a que o autor classifica como um sistema de resposta social. A afirmação parte da hipótese de que o processo de emissão e recepção da informação não se encerra em si. Para o autor os sistemas de produção e recepção, mesmo diante dos atuais mecanismos de interação, não traduz efetivamente o processo comunicacional.

Ao invés disso, desde as primeiras interações midiáticas, a sociedade age e produz não só com os meios de comunicação, ao desenvolvê-los e atribuir-lhes objetivos e processos, mas sobre os seus produtos, redirecionando-os e atribuindo-lhes sentido social (Braga, 2006, p. 22).

Nesse sentido, existiria um terceiro sistema no processo comunicacional, que Braga (2006, p. 22) denomina de “sistema de resposta social”. O autor acrescenta que este terceiro sistema “corresponde a atividades de resposta produtiva e direcionadora da sociedade em interação com os produtos midiáticos”. Trata-se, mais precisamente, ao que Braga (2006, p. 23) denomina de “sistema crítico-interpretativo”.

É nesse núcleo onde, segundo o autor, se completa o fluxo comunicacional, que inferimos localizar o trabalho do ombudsman no jornalismo. Essa afirmação parte da premissa, em que Braga (2006) coloca a interação social com a mídia como sistema de resposta. A dinâmica desse sistema “é composta por processos e dispositivos sociais que podem ser reunidos sob a rubrica comum de “trabalhos críticos” sobre produtos midiáticos”. (Braga, 2006, p. 45).

Não obstante, o dicionário Houaiss (2009, p. 202) definem o termo crítica como “arte ou técnica de julgar a obra de um autor, período etc.”, acrescentando que tal técnica é desempenhada por um “conjunto de pessoas que exercem tal atividade”. Diante do exposto, é dentro do terceiro processo midiático onde se situa a crítica de imprensa realizada pelo ombudsman, que se configuram as marcas geradoras de tensionamentos.

Um processo interacional sobre a mídia e seus produtos pode ser considerado “crítico” quando atenda a pelo menos um dos seguintes requisitos: a) é crítico porque tensiona processo e produtos midiáticos, gerando dinâmicas de mudança; b) é crítico porque exerce um trabalho analítico-interpretativo, gerando esclarecimento e percepção ampliada. (Braga, 2006, p. 45-46).

Ao situar-se como agente da interação social entre imprensa e a sociedade, as críticas de imprensa por meio do ombudsman se chocam com os processos de produção jornalística.

Em uma esfera organizacional, por vezes, verticalizada, cujas decisões são dimensionadas de cima para baixo, Braga (2006, p. 46) as classifica como “enfrentamento tensional”. Uma crítica que está inserida entre dois polos organizacionais, o da redação e da direção do veículo. Sendo a crítica resultado da interação entre sociedade e mídia, Braga (2006), preconiza que ela é mais facilmente assimilada a partir de lógicas analíticas-interpretativas construídas a partir da crítica acadêmica e em última análise da crítica jornalística. É nessa última em que se situa o trabalho do ombudsman de jornalismo.

### 3 O jornalismo independente

Conforme postulado no tópico de introdução deste estudo, ainda que jornal Relevo se intitule como independente, o que para Bronosky e Santos (2019) trata-se de jornalismo autocentrado e desvinculado de influências políticas e econômicas, o veículo é mantido por assinaturas e anunciantes. Diante do exposto, este trabalho o localiza no jornalismo alternativo, com um projeto editorial que privilegia a literatura de novos autores. O termo alternativo, inclusive é usado em uma das colunas<sup>3</sup> de Osny Tavares, primeiro ombudsman do jornal e integrante do conselho editorial do veículo.

Assim, ao fazer aqui uma abordagem sobre o jornalismo independente, não significa negar a característica alternativa do jornal Relevo, mas discuti-lo pela ótica de como esse veículo se define, um jornal literário independente. Sob essa perspectiva, Martins (2018, p. 107) introduz uma reflexão a partir da seguinte questão:

Esse jornalismo é independente em relação a quê? Qualquer pessoa pode argumentar, com razão, que não há (ou ao menos não deveria haver) jornalismo dependente, uma vez que só é possível produzir jornalismo se os profissionais e as instituições estiverem desassociados de outros interesses, como o das fontes, que pretendem veicular suas próprias versões dos fatos, ou das empresas anunciantes, que eventualmente podem ser prejudicadas pelo conteúdo das matérias (Martins, 2018, p. 107).

No que diz respeito à linha editorial, Ponciano (2017) explica que o jornal Relevo “[...] é voltado exclusivamente para a literatura, em suas variadas formas de manifestação”. Etimologicamente, a palavra Relevo, que nomeia o jornal, remete a ideia de importância ou aquilo que se destaca entre os demais (Ponciano, 2017). Para além da etimologia da palavra “relevo”, é necessário ressaltar que a linha editorial do veículo não se caracteriza como jornalismo literário. É o que explica Fernandes (2017, p. 118), ao afirmar ser “[...] comum as pessoas confundirem o jornalismo cultural com o jornalismo literário. Muitas acreditam que o foco deste são assuntos relativos à literatura, porém essa ideia é equivocada.” O jornalismo literário faz uso de recursos estilísticos da literatura no texto jornalístico.

A literatura contida nas páginas do jornal Relevo nada mais é do que uma expressão inserida em um segmento do jornalismo cultural. Este, por sua vez, “[...] tem como objetivo principal a cobertura e a crítica de manifestações culturais e artísticas, como artes plásticas,

---

<sup>3</sup> ‘Nós e o Cosmo’, coluna do ombudsman Osny Tavares publicada em 01 de abril de 2014. Disponível em: [https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevo\\_abril\\_de\\_2014#google\\_vignette](https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevo_abril_de_2014#google_vignette). Acesso em: 17 mar. 2024.

cinema, teatro, literatura e música” (Fernandes, 2017, p. 112). Face ao exposto, o jornal Relevo é um periódico que faz jornalismo cultural independente, com foco em literatura.

Do ponto de vista estrutural, as mudanças de ordem econômica e tecnológica, que conduziram o jornalismo da era industrial para um modelo pós-industrial, caracterizam os veículos independentes como:

[...] organizações que, na maior parte das vezes, não são patrocinadas ou publicadas por instituições maiores, tampouco visam tornar-se fonte de lucro para os acionistas, mantendo a perspectiva de permanecerem autossustentáveis; contam com uma gama diversificada de fontes de renda; tendem a contratar freelancers, pela dificuldade de pagar salários fixos [...] (Martins, 2018, p. 108).

Nesse contexto, o jornal Relevo é editado por dois jornalistas, Daniel Zanella e Mateus Ribeyre. O veículo conta com um diagramador, dois infografistas e um advogado. Composto por oito integrantes, a publicação dispõe de um conselho editorial que reúne, em maioria, jornalistas e escritores. Ponciano (2017) afirma que, “o jornal é organizado mensalmente e constituído por textos recebidos, que são selecionados e distribuídos ao longo das páginas”. A seção “Publique”, no site do veículo, informa que são aceitos contos, resenhas, ensaios, poesias entre outros gêneros textuais. Os materiais são submetidos ao conselho editorial, que delibera sobre a publicação dos mesmos (Relevo, 2023). Nesse sentido, a crítica adquire centralidade no conselho editorial, uma vez que se insere no critério de escolha do material curado, bem como na participação de seus membros ao cargo de ombudsman.

Essa centralidade é característica no jornalismo cultural, pois tem a premissa da cobertura crítica das produções e manifestações culturais, entre as quais o jornalismo cultural com foco em literatura. Fernandes (2017) acrescenta que esse tipo de jornalismo se constitui em dois gêneros, informativo e opinativo. No que diz respeito ao opinativo, são textos onde:

[...] destacam-se críticas e resenhas, em que o profissional acompanha uma performance; lê uma obra literária; assiste a um filme, uma peça ou outro espetáculo; visita uma exposição; ou analisa o resultado da produção, adiantando impressões e indicando pontos fortes e fracos (Fernandes, 2017, p. 113).

No jornal Relevo, o gênero opinativo se manifesta internamente, na crítica de curadoria, pois é a avaliação do conselho editorial que determina a publicação de trechos das obras literárias. A atuação crítica da curadoria não se confunde com o gatekeeper, pois, segundo Ribeiro (2019), este tem origem em pesquisas que norteiam decisões sobre hábitos de consumo, aspecto não contemplado em um veículo alternativo. Opostamente, a curadoria

do conselho editorial transita no que Pena (2006, p. 41), classifica de crítica literária. Nesse sentido, o autor afirma que “o objetivo é buscar o motivo de existência da obra, formulando o que os gregos chamavam de juízo axiológico. A palavra *axios* indica aquilo que é digno de ser admirado”. Ponciano (2017) conclui que:

[...] quem escreve coloca muito de si no que produz, o que no universo da literatura acaba tendo impacto no ego dos escritores. [Assim], todo impresso voltado para a literatura precisa lidar com isso, e tem que se manter muito firme com as escolhas editoriais, que precisam estar pautadas na qualidade do texto, e não na influência pessoal de quem escreve (Ponciano, 2017, s.p.).

A tomada de decisões é inerente ao processo jornalístico. No jornalismo cultural não é diferente. Mesmo em iniciativas alternativas, as deliberações de ordem editorial, resultam de um processo crítico de escolha, que faz dos jornais, aquilo que Ribeiro (2019, p. 76) classifica de “um espaço em constante tensão”.

#### **4 Aplicação metodológica**

O método de análise de conteúdo é dividido, segundo Bardin (1977), em três etapas distintas: (i) pré-análise; (ii) exploração do material; e (iii) tratamento dos resultados. Este último consiste em inferir e interpretar o material analisado. Cada uma destas etapas é aplicada visando estabelecer o que a autora denomina comparativamente a “inquérito sociológico ou a experimentação” em três polos cronológicos.

Para estabelecer o inquérito sociológico por meio de cada etapa, este estudo abarca as colunas dos ombudsmen arquivadas no site do jornal Relevo, publicadas entre 01 de janeiro de 2014 a 31 de dezembro de 2023. Neste período, quinze colunistas exerceram a função de críticos do jornal. Destes, foram selecionadas as colunas escritas por Osny Tavares, Whisner Fraga e Morgana Rech. O critério de escolha considerou a posição dos autores no quadro funcional do veículo, pois integram o conselho editorial do jornal (Relevo, 2023).

Na fase de pré-análise, os textos dos autores elencados foram submetidos a dois processos, sendo o primeiro denominado de ‘leitura flutuante’. Segundo Bardin (1977, p. 122), isso permite “conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. As leituras flutuantes compreendem 19 colunas de Osny Tavares publicadas em dois mandatos distintos, 07 colunas de Whisner Fraga e 05 colunas de Morgana Rech.

Diante desse universo de publicações, que totalizam 31 textos, a segunda etapa consistiu na escolha das regras de seleção para constituir um corpus de análise. Segundo Bardin (1977, p. 122), “o corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem

submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras”. Elas se dividem em: (i) exaustividade, onde se esgota todo o assunto sem omissões; (ii) representatividade, o foco são amostras que representem o universo inicial; (iii) homogeneidade, os documentos devem pertencer ao mesmo tema, cuja coleta respeite as mesmas técnicas e indivíduos; (iv) pertinência, os documentos precisam ter relação com os objetivos da pesquisa (Bardin, 1977).

Para este estudo, é adotado o critério de pertinência para seleção dos documentos que definem o que Bardin (1977) classifica de corpus de análise. Nesse sentido, do universo de 31 textos, foram selecionadas 11 colunas entre os três ocupantes do cargo. São estes textos que constituem o corpus de análise onde o estudo se concentra em encontrar marcas de tensão que correspondam às hipóteses estabelecidas neste trabalho. Na fase de exploração do material, o corpus de análise constituído por 11 textos foi submetido ao processo de codificação.

Conforme Bardin (1977), a codificação consiste na escolha entre três métodos que irão balizar a análise: (i) unidades de registro e contexto: partículas do conteúdo que servem de referencial à categorização e contagem da frequência de aparição; (ii) regras de enumeração: métodos de contagem que irão permitir identificar elementos quantitativos na mensagem; (iii) categorias: Bardin (1977, p. 145), explica que as categorias “[...] são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos.”

Por se tratar de uma análise qualitativa/representativa, este estudo adota a regra de categorias, definidas com base nas hipóteses estabelecidas. Foram definidas quatro categorias: (i) Escrutínio e/ou Interferência, analogia sobre expor a redação de um texto aos colegas jornalistas; (ii) Privilégio, analogia sobre a disputa entre autores novatos e veteranos; (iii) Conflito de interesses, analogia a dilemas editoriais por falta de recursos; (iv) Orientado ao editor, observações sobre o planejamento editorial. Dentro de cada categoria, foram alocadas unidades de registro e de contexto. Estas unidades nada mais são do que as marcas que o estudo evidenciou nos 11 textos selecionados para análise. A terceira e última etapa foi o tratamento dos resultados, que envolveu a escolha entre quatro procedimentos: (i) operações estatísticas com base em provas de validação, (ii) seleção de resultados, (iii) inferências, e (iv) interpretação. O esforço no tratamento dos resultados concentrou-se, respectivamente, nos três últimos.

Nesse sentido, as colunas dos ombudsmen analisadas foram organizadas em uma tabela representativa. Cada texto foi classificado numericamente, com seu respectivo título,

autor e data de publicação. Após o esforço de análise, em que se buscou mapear as marcas de tensão entre redação e direção do veículo, cada texto foi classificado com base nas quatro categorias definidas na etapa de exploração do material.

## 5 Apresentação e análise dos resultados

Os resultados da pesquisa abarcam onze casos a partir de colunas produzidas pelos ocupantes do cargo de ombudsman, distribuídas da seguinte forma: Osny Tavares (6), Whisner Fraga (4) e Morgana Rech (1). A não equidade na quantidade de textos analisados entre os respectivos colunistas se deve a diferença no período de permanência de cada ombudsman na função. Não obstante, o critério de pertinência na etapa de leitura flutuante e posterior análise, influenciaram no resultado.

A análise está dividida tematicamente nas quatro categorias em que são apresentadas as marcas de tensão entre redação e direção do jornal. Nesse sentido, cada bloco temático reúne, por critério de pertinência, fragmentos e discussões dos três autores analisados.

### 5.1 Escrutínio e/ou interferência - analogias sobre expor a redação de um texto aos colegas jornalistas

Na coluna intitulada ‘Uma história pessoal da impressão’, publicada por Osny Tavares em 01 de janeiro de 2014, o colunista usa o recurso do ensaio para expor a sua experiência pessoal de infância; ler a própria redação diante dos colegas de classe. Se verifica ao longo do texto marcas em que o jornalista traça um paralelo entre essa experiência com os desafios da função de ombudsman. A exemplo do escrutínio dos colegas ao expor uma redação de autoria própria, ao narrar que: “estavam me avaliando, me desafiando, me julgando, como adversários de pôquer que, em sua imobilidade, transferem a tensão ao apostador na esperança de que ele se traia e revele sua mão” (Tavares, 2014).

O paralelo à ideia de escrutínio associado ao desafio de provocar discussões e tensionamentos inerentes a função de ombudsman estão reunidos no fragmento em que o jornalista compara a sua experiência pessoal de infância ao ato de escrever:

[...] A frente da sala de aula é um palco e o professor, o intérprete de um monólogo compulsório. Por isso, no momento em que parei diante das turmas com meu texto do pinheiro, senti-me invadindo um espaço que não me pertencia [...]. Aquele texto do pinheiro foi a lição de iniciação artística mais importante de minha vida. Descobri que escrever é um ato de provocação. Não estaria aqui se não fosse por ele (Tavares, 2014, s. p.).

O colunista, ao expor uma experiência pessoal de infância, aplica uma analogia ao jornalista na função de ombudsman, em que pese a natureza da função, está sob o escrutínio de outros colegas jornalistas frente as possíveis críticas e observações de outro colega jornalista. Nesse sentido, Adísia Sá citada por Perdigão (2018, p. 90) acrescenta que “a coisa mais difícil para nós jornalistas, no cotidiano, é ouvir”. Sob a mesma categoria do escrutínio, o estudo abarca a interferência, ou seja, o ato de modificar algo por meio de apontamentos. Sob essa lógica, é necessário lembrar que os textos produzidos pelo ombudsman do jornal Relevo estão sujeitos à revisão para apontamentos de erros. Possíveis revisões se traduzem em marcas de tensão que aparecem de forma alusiva na seguinte passagem:

[...] Nos dias seguintes, não recebi qualquer crítica de conteúdo, infelizmente. O único colega a comentar o texto apenas destacou que, devido àquele ‘R’ esmagado no canto da página, a professora foi obrigada a interromper a leitura em grupo para tentar decifrar a letra (Tavares, 2014, s. p.).

Para além dos aspectos até aqui expostos, a análise identificou tensões por meio da coluna ‘O ombudsman, os leitores e o medo’, publicada em 01 de novembro de 2014. De autoria do então ombudsman Whisner Fraga, o colunista explicita essas tensões no seu entorno sob um estilo de crítica direta e objetiva. Nesse sentido, Fraga (2014) aponta falhas e ajustes sem usar ironias ou figuras de linguagem, como as metáforas:

[...] Apesar de certas rugas que minhas considerações têm causado, corajosamente os editores deste jornal decidiram me manter mais um tempo à frente dessa coluna. Provavelmente perderam anunciantes, assinantes e amigos, Torno a enfatizar que não entrarei nos meandros dos textos publicados, pois creio que minha tarefa não é a de crítico literário (FRAGA, 2014, s.p.).

Dos 11 textos analisados neste estudo, a incidência de marcas nesta categoria ficou restrita apenas às colunas de ombudsman acima identificadas, representando o menor índice entre as outras três categorias a seguir.

## 5.2 Privilégio – analogias sobre disputa entre autores novatos e veteranos

Por se tratar de um periódico literário independente, o jornal Relevo recebe contribuições de autores iniciantes e veteranos. As contribuições são avaliadas pelo conselho editorial que decide o que será publicado. Isso posto, o texto de Osny Tavares, ‘Uma história pessoal da impressão’, publicado em 01 de janeiro de 2014, problematiza a disputa entre autores:

[...] O ‘espírito do palco’ imiscui-se a artistas experientes e novatos de formas distintas. Aquele que logrou formar uma plateia, atrair constante interesse, ser reconhecido pela crítica e admirado pelos pares, a presença no palco está socialmente legitimada e dificilmente gera contestação. O novato precisa marcar posição à força. Antes que a multidão aceite carregá-lo nos ombros, deve gerar em si o manifesto e militar por ele (Tavares, 2014, s. p.).

Publicada em 01 de abril de 2014, a coluna intitulada ‘Nós e o cosmo’ emerge em crítica ao estilo ensaístico do colunista Osny Tavares. As marcas de tensão presentes no texto volta a teorizar a respeito dessa disputa. Nas palavras de Tavares (2014), entre os autores literários “há uma rede de proteção e acolhimento, essencial a um ofício tão volátil [...]. O derivativo disso é a formação de grupos de afinidade que acabam por estreitar o diálogo com o meio”. A consideração do ombudsman ao referir-se a ‘grupos de afinidade’ remete a ideia intrínseca de privilégio, observando que o conselho editorial do jornal RelevO é composto por personalidades com formação em jornalismo, mas também de autores literários.

Face ao exposto, a analogia posta na crítica de Tavares (2014) conduz à ideia de privilégio, de disputa entre autores novatos e veteranos, quando o colunista acrescenta que:

[...] Em sua forma contemporânea, esse fenômeno é chamado de ‘compadrio’, substantivo que define a ação de priorizar, indicar e enaltecer uma pessoa com quem se tem alguma relação pessoal ou profissional em detrimento de outras igualmente (ou mais) talentosas e capazes. [...] Impossível imaginar que a empatia será algum dia excluída das redações profissionais. Nem deveria, afinal de contas. Mas o peso do compadrio parece anacrônico ao papel atual dos meios (Tavares, 2014, s. p.).

Ao classificar o jornal RelevO como alternativo, Tavares (2014) acrescenta que é função do veículo “trazer a organização da produção cultural para um eixo mais plano e expandir grupos em vez de cristalizá-los”. O ombudsman Whisner Fraga, na coluna ‘Independência versus receita’, publicada em 01 de outubro de 2014, retoma essa abordagem ao discutir os critérios de seleção dos autores publicados no jornal RelevO. A partir do questionamento de um leitor sobre esses critérios, o ombudsman faz referência à sessão ‘Expediente’ do veículo, afirmando não existir um conselho editorial.

[...] Houve também um leitor que questionou a falta de transparência na escolha do editor. Acredito que o jornal deva ter independência para a seleção e acho também que não há necessidade de se tornarem públicos os critérios de definição. Mas vou aproveitar o registro para cobrar novamente que o RelevO deve constituir urgentemente um conselho editorial. A julgar pelo expediente, o grupo ainda não existe. A multiplicidade de pontos de vista só trará benefícios ao periódico (Fraga, 2014, s. p.).

Em resposta ao ombudsman sobre a criação de um conselho editorial, o editor tensiona com o colunista ao afirmar que “não há falta de interesse do núcleo mais regular do periódico,

apenas nunca conseguimos montar uma equipe que se comprometesse mensalmente em avaliar os critérios” (Fraga, 2014). A resposta do editor indica a existência de um conselho informal, que na ocasião, não constava no expediente do jornal. Na coluna sob o título ‘Qual é meu papel?’, publicada dois meses antes, o ombudsman faz referência ao conselho editorial, o que indica a condição de informalidade do grupo:

[...] Então, a pergunta mais óbvia é: como os textos publicados são selecionados? A julgar pelo expediente, há um pequeno conselho editorial, formado por alguns idealistas, que acreditam que o nosso país necessita de cultura. Não é pouco. [...] Assim, é urgente que se pense em um conselho editorial mais amplo e heterogêneo, para que o jornal cumpra outro papel importante: o de descobrir novos talentos (Fraga, 2014).

O que se observa a partir dos fragmentos, é que os critérios de publicação dos textos eram definidos pelo núcleo duro do veículo. Nesse sentido, Whisner Fraga aponta para a necessidade de um conselho editorial independente, maior e diverso, com capacidade de delinear critérios precisos para seleção e publicação de textos.

### 5.3 Conflito de interesses – analogias a dilemas editoriais por falta de recursos

Publicada em 01 de setembro de 2021, a coluna ‘Pode um jornal literário ser moral?’, de Osny Tavares, suscita reflexões sobre a moralidade na perspectiva de um veículo de comunicação, no caso o jornal Relevo. A esse aspecto, o presente estudo estabelece uma ligação entre moralidade a dilemas editoriais por falta de recursos. O caminho para a presente interpretação pode ser verificado no texto do ombudsman, quando Tavares (2021) afirma que por ser “produzido e distribuído para quem o solicita mediante troca monetária, é inegável que o jornal Relevo seja um bem”.

O colunista acrescenta à reflexão a seguinte pergunta: “Mas pode o jornal ser bom, em sentido moral?” (Tavares, 2021). Aqui, o ombudsman coloca em choque polos distintos, troca monetária e moralidade, circunscritos à ideia de se obter um bem, sem que haja conflito de interesses entre ambos. Faz-se necessário lembrar que o jornal Relevo publica textos de autores literários, muitos desses são assinantes do jornal. É nesse contexto que se interpreta a ideia da dualidade moral versus troca monetária. Se a prestação de serviço, a amplificação de discursos e ideias, a representatividade ou o caráter educativo estão contidos na moral de um veículo, a troca monetária pode causar estragos, como ser agredido por um veículo de comunicação? (Tavares, 2021).

A questão suscitada na análise abarca inúmeras possibilidades de resposta, em variáveis como modelo de financiamento, linha editorial e natureza do veículo (comercial, alternativo, independente ou comunitário). Há uma mensagem, um recado dado por meio da coluna que tenha relação com algum bastidor do veículo? A resposta a essa pergunta não há indicações no texto, mas na coluna ‘Uma discussão sobre tamanho’, publicada em 01 de novembro de 2021, Osny Tavares, ao tratar dois temas distintos, fornece pistas para uma resposta. O primeiro diz respeito ao tamanho físico do papel. Segundo Tavares (2021) “virar Berliner<sup>4</sup> é sinal evidente de decadência para um jornal brasileiro”. Ao lançar discussão sobre tamanho, a coluna suscita possíveis estudos editoriais visando modificar as medidas do jornal. A esse respeito, o ombudsman acrescenta:

[...] Caso este jornal se aventurasse a uma nova medida, primeiro, pareceria profissional, o que poderia afastá-lo de sua vocação primeira, que é estimular a escrita. Depois, interessado em inserir-se – como voz e como tema – em um debate social mais hegemônico, o que sempre faz mal à literatura (Tavares, 2021).

Nesse sentido, o ombudsman declara que decisões editoriais, a exemplo de reduzir o tamanho do jornal, comprometeria o espaço de publicação para novos autores. Em outro polo, embora não afirme, o texto do colunista remete a uma pretensa alegação de modernidade, na intenção de igualar-se a modelos jornalísticos hegemônicos. Porém, é premente refletir que decisões editoriais que visem modificar o formato físico de um periódico, carreguem consigo considerações de ordem econômica. Em analogia ao debate social, para o público do periódico, tais decisões podem reverberar, por exemplo, em argumentos travestidos como facilidade para os leitores e sustentabilidade.

A segunda abordagem diz respeito ao autor literário, que Tavares (2021) inclui como pertencente a classe de artistas. Com relação a este, a crítica do ombudsman é enfática ao afirmar que o autor literário “precisa renunciar a qualquer sistema de valores para além do estético” (Tavares, 2021). O tensionamento aqui, embora não aparente, faz referência à coluna publicada em 01 de março de 2021. Sob o título ‘Quem lê, quem escreve, quem lê’, aborda o caso de um leitor do jornal, que supostamente exigiu ser colunista como contrapartida para assinar o jornal. O caso em questão foi exposto pelo próprio editor do jornal, mas a respectiva coluna não foi selecionada para fase final deste estudo pela correlação de tema com a coluna de Tavares (2021).

---

<sup>4</sup> O tamanho Berliner (31,5 cm por 47 cm) diz respeito a um formato específico adotado em jornais impressos. Embora facilite o manuseio, o Berliner é menor em relação ao padrão Standard (60 cm por 75 cm). O jornal RelevO adota tamanho personalizado, próximo ao Berliner, sendo 31,5 cm por 27,5 cm.

A esse respeito, a coluna ‘Alguns ajustes’, publicada por Whisner Fraga em 01 de setembro de 2014 retoma o tema sobre autores assinantes. Em sua análise Fraga (2014) faz a seguinte observação:

[...] De qualquer maneira, é importante que a assinatura do jornal não esteja vinculada, de forma alguma, a qualquer tipo de aceite de contribuições. O que quero dizer é que muitos assinantes são também escritores ou aspirantes e deve ficar claro que são, no caso concreto de assinantes, apenas leitores. Essa é a única certeza. Eventualmente podem vir a ser colaboradores, mas eventualmente (Fraga, 2014).

Quando o ombudsman se refere a “aceite de contribuições”, se refere a textos enviados por autores novatos e/ou veteranos que sejam assinantes do veículo. O que se verifica por meio do fragmento acima, considerando abordagens pretéritas de Osny Tavares, é que existe uma tensão em torno desse tipo de relação que extrapola o conselho editorial, reverberando inclusive na direção do veículo. Fraga (2014), ao sugerir a possibilidade de colaborações eventuais, sem explicar sob que condições ou critérios, abre precedente para a continuidade dessas tensões entre leitores, autores colaboradores, conselho editorial e direção do veículo.

#### 5.4 Orientado ao editor – observações sobre o planejamento editorial

Nesta categoria, para além das tensões que dizem respeito ao planejamento editorial, o estudo identifica diferentes padrões de resposta entre editor e o ombudsman no exercício da função. Na coluna ‘Nós e o cosmo’, publicada em 01 de abril de 2014, o ombudsman Osny Tavares, delibera sobre os canais de comunicação dos leitores com o jornal Relevo:

[...] Falta, porém, um canal adicional ao papel para conhecer, debater e articular novas produções a serem publicadas. O feedback ainda está limitado ao noventista e-mail e ao Facebook do editor, que demanda um filtro de amizade (viram o medo?) para se chegar até ele (Tavares, 2014).

Osny Tavares, ao criticar que os canais de comunicação com o jornal Relevo estão centralizados em endereços eletrônicos do editor e publisher Daniel Zanella, as marcas de tensionamento emergem a partir da resposta dele, publicada na própria coluna do ombudsman:

[...] Ainda não encontramos uma forma de nos fortalecer financeiramente para podermos investir, por exemplo, em um site que acomodasse toda a nossa produção e proporcionasse maior interação com os leitores [...]. Novas plataformas também podem tornar o Relevo mais orgânico, com notícias diárias sobre concursos e espaços para novos autores, nosso foco maior. Porém, sem querer-me semelho a um ventríloquo, nosso travo para voos mais amplos é a falta de dinheiro (Tavares, 2014).

Verifica-se que as marcas de tensão entre o ombudsman e o editor do RelevO são caracterizadas, respectivamente, pelo adjetivo “noventista” e o uso da metáfora como figura de linguagem, quando o editor do jornal diz tentar não se parecer com um “ventríloquo”. Nesse sentido, a direção do veículo busca de forma metafórica e até irônica, responder ao ombudsman e distanciar-se de uma interpretação que o associe a ideia de controle ou manipulação.

É necessário salientar que, na ocasião em que a coluna “Nós e o cosmo” foi publicada, em abril de 2014, o jornal RelevO não dispunha de espaço dedicado as cartas do leitor. Este aspecto seria abordado sete meses mais tarde, durante o mandato do ombudsman Whisner Fraga. Na coluna intitulada ‘O ombudsman, os leitores e o medo’, Fraga (2014) faz uma crítica aos ‘leitores autores’ ao afirmar que “nenhum artista pode ter medo de ousar, de se sujar com a própria indignidade”. Em sua análise, Fraga (2014) chama a atenção para o escasso feedback dos “leitores autores”, que não encaminham comentários para o endereço eletrônico pessoal do ombudsman.

O colunista acrescenta ainda que, tais mensagens são enviadas para outro endereço eletrônico, do jornal RelevO e afirma que os remetentes pedem por anonimato. Diante do exposto, o ombudsman direciona a crítica ao planejamento editorial:

[...] Esse preâmbulo todo é para defender que o jornal precisa de um “Espaço do Leitor”. Assinantes e público em geral certamente quererão manifestar sua opinião sobre algum texto, sua admiração por algum compadre, seu maravilhamento diante de alguma fotografia ou pintura e assim por diante. Nada mais democrático do que uma assinatura embaixo de um comentário (Fraga, 2014).

Em nota, publicada na mesma coluna, a resposta do editor é sucinta ao avisar que “[...] a partir de dezembro, abriremos oficialmente a seção Cartas do Leitor. Nesta edição na p. 3, os critérios de publicação” (Fraga, 2014). O que se verifica nos dois casos, que abarcam a mesma demanda levantada por diferentes colunistas, é o padrão de resposta do editor. No primeiro caso, é percebido o tensionamento face ao uso de figuras de linguagem e ironia, enquanto neste último a observação é prontamente acatada. As marcas de tensão percebidas no padrão de resposta também são observadas na coluna de Osny Tavares, intitulada “Remetente”, publicada em 01 de maio de 2021. Ao fazer observações sobre o planejamento editorial, Tavares (2021) suscita discussão sobre a identificação dos autores, cujos textos são publicados no jornal, afirmando que “a maioria dos missivistas que vem a nós, leitores do RelevO, é anônima, pois um mero nome e sobrenome, de fato, não dizem muito”.

Ao apontar esse aspecto, o ombudsman sugere ao editor que acrescente informações a respeito do autor publicado. E o faz de maneira provocativa, usando o adjetivo “purista” para se referir à sessão “Publique” do veículo, onde os autores são orientados a não enviar minibiografias ou biografias junto ao material a ser avaliado pelo conselho editorial. Diante do critério vinculado a decisão editorial, o ombudsman argumenta:

[...] Há de se concordar que um rodapé informativo sobre o autor poderia, ainda que sutilmente, influenciar a leitura ou pós-leitura do texto – principalmente no que tange a preconceitos. Puristas não deixariam de argumentar, citando o teórico no início ou no fim, que sobre um autor nada pode ser dito (Tavares, 2021).

Ao final da coluna do ombudsman, sob o título de “Da redação”, o editor do jornal RelevO responde ao colunista, sob a justificativa de uma premissa editorial impositiva que norteia a regra para autores que desejam submeter textos ao jornal:

[...] Da redação: Seguimos, aqui, as premissas da nossa aba ‘Publique’, desenvolvida no site do jornal, em que aplicamos aos autores e às autoras publicadas o critério do texto ser mais importante do que o emissor: ‘Não há necessidade de enviar minibiografias (ou biografias inteiras). Queremos saber o mínimo possível sobre o autor e/ou suas titulações’. Sabemos da importância do leitorado no processo de diálogo com a nossa publicação, mas não entendemos como fundamental as informações pessoais (Tavares, 2021).

O tensionamento entre ombudsman e editor se estenderia na coluna seguinte, sob o título interrogativo “Cômico é?”. Publicada em 01 de junho de 2021, Tavares (2014), ao tecer elogios à resenha de um romance, expressa decepção por não existir informações suficientes sobre o autor. E conclui, reproduzindo a resposta da redação ao ombudsman na edição anterior do jornal: “não entendo como fundamental as informações pessoais” (Tavares, 2021).

Nessa mesma coluna, é possível inferir o tom provocativo do ombudsman, cujo texto inicia fazendo breve reflexão sobre a idade da publicação, que na ocasião completava onze anos de existência. Tavares (2021) observa que o jornal “parece sentir a deriva do tempo. ‘Sentir a deriva’, note-se, é diferente de ‘sentir-se à deriva’. [...] Ou seja, uma pessoa de trinta e poucos anos de idade”. Em sua análise, o ombudsman, ao fazer um paralelo entre passagem do tempo e a linha editorial, sugere que o tempo modificou o caráter do jornal:

[...] Será destino de todo aspirante a escritor começar parnaso e terminar cínico? [...] Uma porção cada vez maior da identidade do jornal vem sendo moldada pelas páginas de humor. Fixas, produzidas internamente ou por colaboradores regulares, são o que o velho editor da finada imprensa escrita chamava de ‘respiro’. [...] Mas, tal como as pessoas, os veículos também precisam estar atentos para não transformar o riso em disfarce (Tavares, 2021).

Face ao exposto, o ombudsman sugere que o veículo começou evocando poesia e qualidade literária, mas ao longo do tempo tornou-se cínico. O cinismo a que se refere o colunista pode ter vários significados no contexto do jornal. Nesse sentido, a interpretação mais próxima é o uso do humor nas páginas da publicação para disfarçar o caráter cínico que esse tipo de conteúdo pode adquirir. Independentemente das interpretações, é necessário salientar que o ombudsman faz observações sobre o planejamento editorial em um contexto de pandemia de Covid-19 no Brasil.

[...] O RelevO anterior veio com uma sobrecapa cômica. Penso que o editor se permitiu a brincadeira por imaginar que, estando fechados os espaços culturais em que costumava ser distribuído, o jornal tem encontrado poucos leitores incidentais. Dessa forma, não precisava apresentar-se de imediato (Tavares, 2021).

Se nas observações de planejamento editorial de Osny Tavares e Whisner Fraga o espaço de fala ao ‘leitor autor’ irrompe como democrático, a ombudswoman Morgana Rech subverte essa lógica. Na coluna publicada em 01 de fevereiro de 2020, a colunista reflete sobre a função da crítica no periódico literário RelevO. Logo nas primeiras linhas, observa-se um recado implícito ao editor. No fragmento a seguir, a colunista tensiona ao abordar o jogo de interesses:

[...] Vou dizer que o editor convida alguém que proteja os seus leitores para garantir uma faixa de neutralidade em suas relações editoriais. Se eu fosse analista do jornal, investigaria junto com ele os motivos, os verdadeiros motivos pelos quais ele acha que precisa dessa defesa. Defender os leitores para, no fundo, defender o jornal. Eu faria o possível para sair do lugar de escudo. Eu diria para o RelevO se virar sozinho, pela primeira vez na vida (Rech, 2020).

Na crítica por meio de construções metafóricas, Morgana Rech recebe em seu consultório editores de publicações literárias. A asserção da colunista revela traços de cumplicidade entre ombudswoman e o editor do veículo. Trata-se de um aspecto que compromete a credibilidade e independência da função. Reforça a ideia de que o editor convida um colunista crítico de imprensa para defender os interesses sob o ponto de vista do jornal:

[...] Fico imaginando: o consultório sendo frequentado por editores de jornais e revistas literárias. Apresentando suas queixas sobre a função de seus veículos no espaço editorial. [...] A voz do RelevO, muito provavelmente, seria aquela mais agradável de escutar. A que colabora com o processo, que está a fim da análise (Rech, 2020).

Nessa coluna de Morgana Rech, é possível identificar por meio de asserção da colunista, a condição de esforço no sentido de defender o jornal ao afirmar: “Difícil: ser ombudsman, receber as críticas e elogios dos leitores, ao mesmo tempo chacoalhando os mecanismos de defesas do jornal. Elogiar o jornal, sobretudo, merecido que é” (Rech, 2020). O que se verifica é uma tensão em que a colunista subverte a ideia da crítica e defesa dos interesses dos leitores, posicionando-se como advogada do veículo. As colunas de Morgana Rech, não elegíveis para a fase final deste estudo, seguem a tendência de poupar o veículo de críticas. O que se verifica são marcas elogiosas ao veículo. É necessário pontuar que, além de compor o conselho editorial do jornal RelevO, Morgana Rech é psicanalista e escritora, com título publicado na editora Penalux, anunciante patrocinadora do jornal.

## 6 Considerações finais

Considerando as hipóteses estabelecidas, as tensões entre redação e direção do jornal RelevO, atuam entre três núcleos: no conselho editorial, no ombudsman e no editor responsável pela publicação. Isso posto, é possível afirmar que a crítica dos ombudsmen são alvo de escrutínio a partir dos padrões de resposta oriundos da direção do veículo, ainda que nem todas as colunas apresentem publicadas as respostas do editor do jornal do RelevO.

Por ser uma publicação independente, dedicada ao jornalismo cultural com foco em literatura, é possível afirmar que as tensões atuam nos critérios do conselho editorial para seleção de textos enviados por autores. Por conseguinte, essas tensões fluem de fora para dentro, a partir de questionamentos dos próprios autores aos ombudsmen. Sob esse aspecto, é possível identificar nas colunas analisadas, asserções a respeito da transparência na seleção dos materiais destinados à publicação.

Na hipótese de conflito de interesses, face à fonte de receita oriunda de assinaturas, doações e serviços especializados, é possível afirmar que as tensões residem em dois polos distintos – do jornal e dos autores colaboradores. O primeiro diz respeito a decisões que prejudicam a missão primeira do jornal RelevO, de ser um espaço democrático para divulgação de autores literários. Sendo o jornalismo uma profissão regulamentada, que dispõe de um código deontológico, a coluna Ombudsman não deixa escapar que os princípios dessa missão não podem se render as lógicas do mercado que pressionam o jornal.

O segundo polo de tensão diz respeito ao conflito de interesses junto aos leitores e autores, que colaboram com textos literários no jornal. É possível afirmar que a tensão surge de condutas não éticas, como o suposto caso do leitor que exigiu ser colunista do jornal

RelevO como condição para assinar o jornal. Ou, de autores literários que consideram ter preferência na publicação de seus textos por serem assinantes do veículo. De maneira que as tensões permeiam constantemente os sistemas de valores sociais do leitor e os princípios editoriais do veículo.

Face ao exposto, o resultado do estudo mostra que no jornalismo independente do RelevO, em que pese o sistema de produção colaborativo por meio de contribuições de autores, as tensões entre redação e direção do veículo não se restringem ao núcleo interno do veículo. Essas tensões também fluem de fora para dentro, pressionando o conselho editorial, o ombudsman e o editor do jornal. Em comparação com os veículos de grande circulação, esse fluxo de fora para dentro também existe, mas está limitado aos leitores que questionam a conduta jornalística desses jornais.

Sob este aspecto último, é importante destacar que o estudo evidencia as múltiplas tensões a que está submetido o jornal RelevO sob a experiência da produção colaborativa. São tensões que se originam por meio de quem o produz, dos autores colaboradores que enviam materiais para publicação, bem como do leitor final, que assina o jornal ou contribui com doações visando manter o veículo. No jornal RelevO, o texto literário é a matéria-prima nos processos de produção jornalística, onde os escritores são as fontes para os editores do veículo.

Assim, o gatilho para as tensões reside no conselho editorial, que escolhe os textos que irão compor a edição do periódico. Sendo a curadoria o principal processo jornalístico do jornal RelevO, os tensionamentos gerados a partir dos critérios de seleção transitam para a coluna do Ombudsman. A crítica que incide, não apenas sobre os textos selecionados, mas também de demandas dos leitores/autores e escolhas editoriais, impulsiona novos tensionamentos com a direção do veículo.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5ª Edição. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRONOSKY, M. E.; SANTOS, L. J. A problemática da crítica no jornalismo independente. **Estudos em jornalismo e Mídia**, [s. l.], v. 16 n. 1, p. 145-156, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n1p145>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n1p145>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CHEIDA, M. A brevidade do ombudsman na imprensa de Campinas. *In*: JAVORSKY, E.; GADINI, S. **Ombudsman no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

FERNANDES, A. L. **Jornalismo**: especialização e segmentação. Curitiba: InterSaberes, 2017.

FRAGA, W. Alguns ajustes. **RelevO**, Paraná, edição I, ano V, p. 03, set. 2014. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/09-2014/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

FRAGA, W. O ombudsman, os leitores e o medo. **RelevO**, Paraná, edição V, ano V, p. 04, nov. 2014. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/11-2014/>. Acesso em: 08 mar. 2024.

FRAGA, W. Independência versus receita. **RelevO**, edição II, ano V, p. 03, out. 2014. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/10-2014/>. Acesso em: 06 mar. 2024.

FRAGA, W. Qual é o meu papel? **RelevO**, Paraná, edição XIV, ano IV, p. 03, ago. 2014. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/08-2014/>. Acesso em: 03 mar. 2024.

CRÍTICA. *In*: **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARTINS, M. O. **Profissão jornalista**: um guia para viver de notícias na próxima década. Curitiba: InterSaberes, 2018.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERDIGÃO, A. Adísia Sá. *In*: JAVORSKY, E.; GADINI, S. **Ombudsman no jornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018.

PONCIANO, E. A literatura do RelevO. **Medium**, 2017. Disponível em: <https://medium.com/betaredacao/a-literatura-do-relevo-11c8fb264924>. Acesso em: 11 nov. 2023.

RECH, M. Transferências e o paciente jornal. **RelevO**, Curitiba, n. 07, ano 10, p. 07, fev. 2020. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/02-2020/>. Acesso em: 10 mar. 2024.

RELEVO. Ombudsman. **Site do jornal RelevO**. 2023. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/edicao/ombudsman/>. Acesso em: 27 out. 2024.

RELEVO. Publique. **Site do jornal RelevO**. 2023. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/sobre/publique/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RIBEIRO, A. A teoria do gatekeeper. *In*: NICOLATO, R. **Teorias do Jornalismo**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

TAVARES, O. Cômico é? **RelevO**, Curitiba, n. 10, ano 10, p. 05, jun. 2021. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/06-2021/>. Acesso em: 27 fev. 2024

TAVARES, O. Nós e o cosmo. **RelevO**, Paraná, edição VII, ano IV, p. 03-04, abr. 2014. Disponível em: [https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevo\\_abril\\_de\\_2014](https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevo_abril_de_2014). Acesso em: 23 fev. 2024.

TAVARES, O. Pode o jornal literário ser moral? **RelevO**, Curitiba, n. 1, ano 12, p. 07, set. 2021. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/09-2021/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

TAVARES, O. Remetente. **RelevO**, Curitiba, n. 9, ano 11, p. 07, maio 2021. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/05-2021/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

TAVARES, O. Uma discussão sobre tamanho. **RelevO**, Curitiba, n. 03, ano 12, p. 05, nov. 2021. Disponível em: <https://jornalrelevo.com/11-2021/>. Acesso em: 02 mar. 2024.

TAVARES, O. Uma história pessoal da impressão. **RelevO**, Paraná, edição IV, ano IV, p. 03-06, jan. 2014. Disponível em: <https://issuu.com/jornalrelevo/docs/relevojaneiro>. Acesso em: 21 fev. 2024.

**Data de submissão:** 24/01/2025

**Data de aceite:** 25/02/2025